

A Sociedade Digital de Informação e Comunicação: Uma História de Mudanças e Perspectivas.



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i2.1614>

Josimar de Mendonça

Mestrando em Educação pela FAE/UFMG

e-mail: josimend1@gmail.com



Recebido em: 24/07/2015 – Aceito em 03/11/2015

Resumo: O objetivo deste artigo é demonstrar como as Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação – TDIC, a partir do advento da Rede Mundial de Computadores (Internet), influencia a sociedade contemporânea e seus atores e discutir como esse recrudescimento tecnológico culminou na transposição da modernidade, modificando o conceito de público e privado a ponto diluir a identidade de ambos. O artigo propõe contextualizar historicamente o advento e a trajetória da Internet, evidenciando o novo conceito de comunicação que se estabelece por intermédio dos recursos oferecidos por ela, como também mostrar como as inovações tecnológicas modificam a realidade social e afetam diretamente as relações pessoais.

Palavras chave: Tecnologia, História, Pós-modernidade.

Abstract: The purpose of this article is to demonstrate how the Digital Communications and Information Technology - TDIC, from the advent of the World Wide Web (Internet), influence contemporary society and its actors and discuss how this technological upsurge culminated in the transposition of modernity, modifying the concept of public and private as to dilute the identity of both. The article proposes historically contextualize the advent and the trajectory of the Internet, showing the new concept of communication established through the resources offered by it, but also show how technological innovations change the social reality and directly affect personal relationships.

Keywords: Technology, History, Postmodernism.

Introdução

A ascensão e a popularização da Internet se deram de forma muito rápida, se pararmos para pensar ela é um advento ainda recente, mas que se tornou parte do cotidiano das pessoas, isso dificulta nossa reflexão sobre as consequências das transformações nas relações sociais. Pensando assim, podemos dizer que ainda é um campo que demanda estudos e investigações.

Assim, o presente artigo pretende contextualizar o aparecimento da Rede Mundial de computadores, contemplar suas influências na sociedade e, conseqüentemente, nos sujeitos que por ela transitam; discutir, como o recrudescimento tecnológico levou à transposição da modernidade, modificando o conceito de público e privado a ponto diluir essas identidades e promover uma discussão historiográfica que abarque as mudanças provocadas pelo advento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC² na sociedade contemporânea.

¹Mestrando em Educação Tecnológica e Sociedade na Faculdade de Educação da UFMG. Especialista em Docência para o Ensino Superior: a Universidade no contexto atual, pela Faculdade ISEIB de Belo Horizonte - FIBH. Bacharel Licenciado em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte - Unibh.

²No restante do artigo será usada a sigla TDIC para se referir as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

Posto isso, o artigo foi dividido em duas partes que contemplarão respectivamente os seguintes conteúdos: na primeira parte objetivou-se suscitar os caminhos trilhados pela Rede Mundial de Computadores, partindo de sua idealização até sua apresentação à sociedade, fornecendo assim, o mapeamento da trajetória da Rede Mundial de Computadores, a fim de que possa provocar a percepção de como seu advento desestruturou os conceitos de tempo e espaço vigentes até a última década do século XX, também evidenciar as dificuldades ocorridas no transcurso de sua implementação e demonstrar a importância de se romper com os paradigmas de protocolos nacionais estabelecidos para o setor das TDIC. Dito de outra forma, é importante que se entenda que só através da superação dos protocolos nacionais criados individualmente por nações como: Estados Unidos, França, Inglaterra, que foi possível a interligação de vários países através de um único protocolo de comunicação o qual culminaria no que hoje se conhece como a Rede Mundial de Computadores.

Na segunda parte, pretende-se pensar nas mudanças provocadas nas últimas décadas pelas TDIC na sociedade. Partindo desse pressuposto, elencam-se pensadores como: Sevchenko (2004) e Berman (2006) para, a partir de seus relatos, tentar compreender o impacto do advento das TDIC na sociedade contemporânea. Na sequência, objetiva-se promover um diálogo com os relatos de Hall (2005) e Bauman (2001), com o intuito de suscitar reflexões sobre a influência das TDIC no processo de transição da modernidade para a pós-modernidade e, conseqüentemente, como sua presença contribui para modificar os conceitos de público e privado, levando ao que Berman (2006) chamou de “público moderno”.

Destarte, o presente artigo tem a intenção de contribuir para uma melhor compreensão das mudanças tecnológicas e sociais provocadas pelo advento das TDIC na história recente da humanidade, como também tem a pretensão de suscitar o interesse pelos diversos aspectos que envolvem a história das TDIC, pois somente através da pesquisa e investigação da história recente será possível suscitar uma nova interpretação sobre a influência e o recrudescimento das TDIC na sociedade contemporânea. E mais do que isso, trazer subsídios que auxiliem na construção de um entendimento que leve à compreensão de como a tecnologia sistematizou a informação no transcórrer da história ao ponto de influenciar uma mudança social.

1 - Efeitos tempos modernos

O ofício de historiador pressupõe mais que estabelecer relações entre a memória e a história, o passado e o presente. Ele exige daqueles que enveredam por seus caminhos um conhecimento sobre o tempo em suas diversas aplicações e conceitos no decorrer dos séculos. Conforme Le Goff (1990, p.52), *“A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e é um elemento essencial da aparelhagem mental dos seus historiadores”*. Para tanto, propõe-se utilizar o conceito de tempo com o intuito de aguçar a compreensão dos benefícios obtidos com o advento das TDIC.

Durante séculos, o tempo foi um adversário difícil de ser vencido e, por que não dizer, um implacável obstáculo na propagação da informação e na comunicação entre os povos. O tempo foi e continua sendo, em vários aspectos, algo a ser superado e adequado às necessidades e caprichos da humanidade, principalmente após a Revolução Industrial. Muito se fez na tentativa de sobrepujar os limites impostos à humanidade pelo tempo e, com certeza, muitas conquistas foram obtidas através de invenções que possibilitaram percorrer em um período de tempo determinado, distâncias cada vez maiores. No decorrer do século XIX e durante o século

³Como as ferrovias, os barcos movidos a vapor e os automóveis, surgem no século XIX e vão sendo aperfeiçoados ao longo ao século XX.

XX, os avanços tecnológicos culminaram em conquistas como a diminuição do tempo gasto para transpor distâncias há muito conhecidas, modificando os conceitos pelo qual percursos que demoravam meses para serem percorridos, podiam ser feitos em algumas horas³. As comunicações feitas por intermédio de mensageiros que demoravam dias ou até meses, na segunda metade do século XIX, passaram a ser feitas quase que instantaneamente por telégrafo.

Contudo, a partir do advento da *Internet* no final do século XX, todas as conquistas e superações até então obtidas em relação ao tempo ficaram ultrapassadas. A *Internet* abriu possibilidades de velocidade, comunicação e interatividade em tempo real que, até o seu aparecimento, eram desconhecidas. Pode-se dizer que a *Internet* conseguiu transformar o conceito de obstáculos que se tinha em relação ao tempo, para o de aliado, no que concerne à comunicação e à interatividade. Como consequência obteve-se “[...] a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.” (HALL, 2005, p.69).

A *Internet* é uma rede mundial de computadores que congrega várias redes com tecnologias diferentes, porém, funcionando dentro de padrão de rede igual ao *TCP/IP*⁴, ou ainda;

Como seus pesquisadores mais assíduos gostam de explicar, ela é como uma estrada de redes de informação com várias atrações nas suas margens: parques de diversões eletrônicos, cidades digitais, *shopping centers* virtuais, universidades automatizadas, bibliotecas *on-line* e arquivos mecanizados. Trata-se das redes de todas as redes, congregando, em 1993, 2 milhões de computadores conectados em 15.000 redes em mais de 60 países, tendo entre 5 e 15 milhões de usuários. Através da internet é possível ter acesso a centenas de milhares de bases de dados. E calcula-se que cada ano dobra de tamanho. (FIGUEIREDO, 1997, p.434).

A citação de Figueiredo (1997) nos revela dados referentes ao ano de 1993 que, embora ultrapassados, contribuem para um melhor entendimento da importância que se passou a agregar à *Internet* e à velocidade de seu crescimento no pouco tempo de sua existência. É preciso lembrar que até 1991 a *Internet* ainda era de uso restrito ao meio acadêmico e a órgãos governamentais.

Através da Rede Mundial de Computadores é que circula a *web*, por muitos confundida com a própria *Internet*, chegando ao ponto de se acreditar que elas são a mesma coisa. Contudo, apesar de possuírem semelhanças, elas se diferem, ou seja, enquanto a *Internet* é a rede de computadores, a *web* é todo o conteúdo disponibilizado através da *Internet*: sites, blogs, programas, comunidades virtuais. É desnecessário dizer que uma é a razão da existência da outra e que se encontram intrinsecamente ligadas.

Entretanto, para a *internet* e a *web* atingirem o atual patamar de aceitação e popularidade perante a comunidade mundial, foram necessários anos de pesquisas e experimentos. Assim, em meio ao contexto da Guerra Fria e o início da corrida espacial em 1957, quando a então União Soviética lançou o *Sputnik*, o primeiro satélite não natural da terra, o Departamento de Defesa dos EUA criou, além da *National Aeronautics and Space Administration (NASA)*, a *Advanced Research Projects Agency (ARPA)*, uma agência com o objetivo de desenvolver tecnologias na área militar.

Destarte, em 1962 a *ARPA* divulgou um projeto inovador que consistia na construção de uma rede de comunicação. Idealizada por Joseph Carl Robnett Licklider, essa rede de comunicação permitiria a troca de dados por computadores, mesmo que distantes fisicamente. Nesse mesmo período, outra ideia de transmissão de dados, através de pacotes, estava

⁴Padrão de rede criado com a finalidade de unificar os diversos padrões existentes a fim de possibilitá-los acessar a Rede Mundial de Computadores.

em desenvolvimento. Esta nova técnica, segundo Guizzo (1999), conhecida como “comutação de pacotes” baseava-se em pegar os dados de uma informação e dividi-los em “pequenos pacotes de dados”, bem menores que o original, facilitando a sua transmissão. Os “pacotes”, uma vez chegando ao seu destino, ainda que fora de ordem, seriam reagrupados em sua forma original, podendo ser utilizados normalmente. Além do mais, enquanto a rede de Licklider permitia que apenas dois computadores compartilhassem os dados, na comutação de pacotes, vários computadores podiam compartilhar informações, o que agregava um grande ganho em relação ao tempo necessário para compartilharem informações entre diversos usuários.

Mas a ideia de uma rede de comunicação só se concretizaria com Lawrence G. Roberts, que sucedeu Licklider na *ARPA*. Durante uma conferência da *Association for Computing Machinery*, Lawrence revelou o projeto de construção de uma rede interligando computadores que teria o nome de *Arpanet*. Ainda nessa conferência, Lawrence saberia da existência de outras duas propostas de rede baseadas na comutação de pacotes. “Um deles era o trabalho do *National Physical Laboratory*, na Inglaterra, que vinha desenvolvendo uma rede própria. O outro era um projeto de um grupo de pesquisa da *Rand Corporation*, patrocinado pela Força Aérea dos Estados Unidos.” (GUIZZO, 1999, p.18). A *Rand* era, no ano de 1967, uma empresa que prestava serviços ao Departamento de Defesa Norte Americano, e realizava projetos de pesquisa de alta tecnologia.

Nesse contexto, três anos antes Paul Baran havia desenvolvido um estudo sobre Comunicação distribuída, no qual propunha um sistema de comunicação que resistiria a ataques nucleares, desde que acontecessem em locais específicos. Paul Baran foi o primeiro a estudar um sistema chamado de “redes distribuídas”, em que não havia um controle central, e todos os computadores se interligavam, formando uma grande rede de computadores. Ainda que o trabalho de Baran tenha sido arquivado posteriormente pela Força Aérea dos EUA, sua contribuição foi vital para o desenvolvimento da *Internet* tal qual a conhecemos.

Em 1969, a *Arpanet* escolheu quatro universidades norte americanas para fazerem parte integrante de seus estudos e, dois anos depois, outras onze universidades já teriam se juntado ao grupo. “Em 1972, durante a *International Computer Communication Conference*, em Washington, foi feita, com sucesso a primeira demonstração pública da *Arpanet*” (GUIZZO, 1999, p.19). No mesmo ano, Ray Tomlinson inventou o correio eletrônico e, em 1973, ocorreram as primeiras conexões internacionais.

Contudo, para que os computadores se comunicassem dentro de uma mesma rede, eles tinham que, necessariamente, usar a mesma linguagem, ou como é conhecido no meio, o mesmo protocolo. Fato que se tornou um entrave para que a conexão entre as redes se efetivassem, pois para que isso fosse possível, as redes tinham que utilizar o mesmo protocolo. Foi então que Vinton Cerf, a quem se atribui a paternidade da *Internet*, desenvolveu o *Transmission Control Protocol/Internet Protocol (TCP/IP)* aberto, que possibilitou interligar os “[...] diferentes tipos de redes, não importando que tecnologia essas redes empregassem em sua comunicação (ondas de rádio, satélite, *Arpanet*, etc.)” (GUIZZO, 1999, p.20).

Depois de anos de pesquisa e da implantação do protocolo, em 1986 cria-se a *NSFNET*⁵ que, utilizando o protocolo TCP/IP, interligou várias universidades, tornando-se um pólo acadêmico. Segundo Guizzo (1999) a *NSFNET* provocou um crescimento do número de academias conectando-se umas as outras.

O número de conexões passou de cinco mil para trinta mil, além disso, o número de instituições de outros países que passaram a conectar a *NSFNET* foi aumentando gradativamente. Em 1991, a *NSFNET* liberou seu uso para fins comerciais e provo-

⁵Recebe esse nome devido à junção das iniciais da empresa que a concebeu, National Science Foundation.

cou tanto uma grande corrida de investimentos quanto o aparecimento de empresas oferecendo acesso à rede.

A abertura do acesso à *Internet* para o mercado e, conseqüentemente, seu exponencial crescimento e a possibilidade de acesso dos usuários domésticos, criaram inúmeras possibilidades de comunicação, de interação entre as pessoas e as instituições, sejam elas públicas ou privadas, educacionais ou comerciais, nacionais ou estrangeiras, e alcançaram um ganho enorme de tempo. O advento da *Internet* aberta ao público mudou o conceito de realidade para grande parte da humanidade.

Há muito tempo um grupo restrito de homens e mulheres não se fascinava com o maravilhoso. Como os livros de narrativas de viagens por terras e mares do século XV, a visão diante de um micro para os modernos (desta vez sob a égide do pragmatismo) possibilita espantos e deslumbramentos. Para alguns quase o sobrenatural; mas sempre o virtual. (FIGUEIREDO, 1997, p.436).

Após a sua abertura para fins comerciais, começou-se a desenvolver a *web* ou a *World Wide Web*, popularmente conhecida como *WWW* que, como explicado anteriormente, é o conteúdo que circula pela *Internet*, começou tímida, sem imagens e com uma interface gráfica não muito agradável. Esta primeira fase ficaria conhecida, posteriormente, como *Web 1.0* e tinha como característica o seu conteúdo estático, sem muitos atrativos e a impossibilidade de interação do usuário com o *site*. No entanto, na *Web 1.0* já era possível para qualquer usuário a realização de transações, tais como comprar um objeto ou ainda fazer perguntas no Google e obter as respectivas respostas. Já na *Web 2.0*, designação que começa a ser utilizada a partir de 2004, o usuário passou a ter a possibilidade de interagir com os *sites*, criando *Blogs* ou postando vídeos, fotos, músicas. A *Web 3.0*, disponível na atualidade, permite ao usuário não só interagir com o conteúdo dos *sites* como também programar suas interfaces, como ocorre nos *sites* de relacionamentos, *Twitter*, *Facebook*, *Google*. Segundo o Professor Silvio Meira (s/d), da Faculdade Federal de Pernambuco, na *Web 3.0*, por exemplo, é possível programar o *Twitter* no *Facebook*, uma vez que o *Twitter* é um aplicativo de escrita que funciona sobre uma plataforma de programação aberta, ou seja, que pode ser modificada por qualquer usuário. Fato que tem se tornado cada vez mais comum na *Web 3.0*.

Desse modo, todos esses avanços tecnológicos melhoram e facilitaram as comunicações, diminuíram as distâncias existentes e trouxeram avanços para vários setores da sociedade. Mas, concomitantemente a tudo isso, as TDIC empreenderam um ritmo de vida acelerado aos atores dessas sociedades. Hoje, ao olhar a trajetória da TDIC, é inevitável que surjam algumas perguntas, como: Qual foi o impacto causados por essas mudanças na sociedade? Será que essas mudanças afetaram os conceitos de público e privado? É possível se manter alheio a essas mudanças provocadas pelo advento das TDIC?

Sendo assim, na segunda parte do presente texto pretende-se evidenciar, ainda que sucintamente, aspectos que possam contribuir para um melhor entendimento sobre o impacto do advento das TDIC na sociedade contemporânea.

2 - Um Salto para o Novo

Com o passar do tempo, a humanidade vem se desenvolvendo tecnologicamente na busca de transpor as barreiras que se lhe apresentam e, ao mesmo tempo, possibilitar um melhor modo de vida para todos. Partindo do pressuposto de que todas as tecnologias produzidas pelos seres humanos, no decorrer de sua existência sobre a face da terra, foram, a princípio, adquiridas por meio da manipulação de elementos rudimentares como a pedra, torna-se pertinente concluir que, com passar do tempo, vem se obtendo respostas concretas aos anseios da humanidade.

Assim, na tentativa de pensar nas mudanças provocadas pelas TDIC nas últimas décadas, buscou-se trabalhar com teorias de estudiosos que procuraram entender e interpretar o poder transformador da tecnologia na sociedade, e, dentre eles, priorizar aqueles que enveredaram pela pesquisa histórica sobre o assunto. Dentre eles, destacam-se Sevcenko (2004) e Berman (2006), que utilizaram de metáforas para expor suas teorias, o que tende a facilitar a compreensão das mudanças sociais e dos avanços das TDIC no decorrer das últimas décadas em comparação com os períodos anteriores.

Nicolau Sevcenko (2004), por exemplo, promoveu uma analogia do desenvolvimento tecnológico, associando-o a um passeio pela *montanha russa*, no qual a decisão de fazê-lo ou não, teoricamente, seria individual.

Rodamos no vazio como um ioiô cósmico, um brinquedo fútil dos elementos, um grão de areia engolfado na potência geológica de um maremoto. Nada mais nos assusta. Ao chegar ao fim, desfigurados, descompostos, estupefatos, já assimilamos a lição da montanha-russa: compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas. (sic). (SEVCENKO, 2004, p.13).

Ao utilizar metaforicamente o passeio de montanha russa, associando-o aos avanços tecnológicos vivenciados pela humanidade, Sevcenko (2004) propõe sua divisão em três períodos: o primeiro, que se iniciaria em meio às grandes descobertas no século XVI, terminando aproximadamente na metade do século XIX; o segundo, o momento no qual teria se iniciado a segunda fase concomitantemente com a “Revolução técnico científica” estendendo-se até as últimas décadas do século XX; o último período começaria nos anos finais do século XX, indo até o momento da escrita do trabalho do mesmo, no ano inaugural do século XXI. Nessa última fase, segundo o autor, as mudanças na humanidade teriam atingido um grau tão elevado que não haveria como ficar alheio a elas. “*A escala das mudanças desencadeadas a partir desse momento é de tal magnitude que faz os dois momentos anteriores parecerem projeções em câmara lenta.*” (SEVCENKO, 2004, p.16).

Não obstante, é interessante pensar que outros autores tendem a realizar divisões e periodizações próximas, como é o caso de Berman (2006), ao escrever sobre a modernidade que, em sua análise, está intrinsecamente ligada ao recrudescimento tecnológico. Porém, para Berman (2006) a divisão seria cronologicamente um pouco diferente, sendo que a primeira fase também teria se iniciado no começo do século XVI e se estendeu até o final do século XVIII, quando “*as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna*” (BERMAN, 2006, p16). Sua segunda fase começou com o advento da Revolução Francesa em 1790, percorrendo todo o século seguinte quando “[...] *ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro.*” (BERMAN, 2006, p17). Já a terceira e última fase teria ocorrido no século XX no qual “[...] o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo” (BERMAN, 2006, p17). Essa afirmativa de Berman (2006) sobre o século XX merece atenção, tendo em vista que ele escreve no início da década de 1980, momento em que praticamente só existiam os grandes computadores, e a *internet*⁶, ainda era apenas um sonho a ser alcançado, sendo um produto de poucos e para poucos. Entretanto, Berman (2006) já fazia referência a um processo virtual de cunho mundial.

Embora haja diferenças cronológicas nas duas perspectivas abordadas, acredita-se que elas possam ser facilmente explicadas, dada a distinção dos acontecimentos nos períodos em que cada autor escreve. Contudo, dois momentos coincidentes se destacam em suas periodizações, que é o

⁶Rede Mundial de Computadores.

início da primeira fase no século XVI, período em que as grandes navegações abriram uma infinidade de novas possibilidades, e a última no século XX, quando ambos deixam transparecer em suas palavras o vislumbre por algo inédito e avassalador, extremamente veloz, se comparado às fases anteriores, capaz de envolver virtualmente o mundo inteiro.

As mudanças desencadeadas pelas TDIC foram tão significativas que, segundo Figueiredo (1997), desde os relatos sobre as viagens no século XV, homens e mulheres não se sentiam tão fascinados, como ocorreu diante dos avanços das TDIC. Porém, agora o espanto e o deslumbramento estariam pautados pela ciência, ainda que para alguns o virtual estivesse intrinsecamente associado ao sobrenatural. Talvez seja esse o deslumbramento proporcionado por aquilo que é virtualmente novo e que, em um curto espaço de tempo, abarca o mundo instigando uma sensação de liberdade e de poder, disseminando um sentimento de modernidade diante do cotidiano. Entretanto, como efeito colateral, a sociedade é direcionada a questionar os limites do público em detrimento ao privado, criando o que poderíamos chamar de “público moderno”.

Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em multidões de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a ideia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade. (sic). (BERMAN, 2006, p.17).

Muito embora Berman (2006) deixe transparecer em seus escritos, ser contrário à ideia de pós-modernidade, ela aparece nitidamente nas entrelinhas de sua citação, ainda que involuntariamente. E mais do que isso, Berman (2006) faz uma descrição testemunhal das mudanças provocadas pelas TDIC que, apesar de restritas, já exerciam influência no comportamento da sociedade naquele contexto. Caso contrário, como explicar um modernismo que se desvincula da raiz de sua modernidade?

Vale lembrar, que Berman (2006) escreve em um período controverso da história, já que para muitos economistas a década de 1980, é considerada a “década perdida”, ainda que o ano de 1979 e a década de 1980 tenham sido marcados por várias inovações tecnológicas, políticas e sociais. Porém, esse mesmo período para os estudiosos do assunto pode ser denominado como um prelúdio da pós-modernidade que, posteriormente, se tornaria um fato concreto, ainda que fluído, após o advento da *internet*.

Para melhor entendimento desse período é crucial assimilar a ideia de modernidade e pós-modernidade, muito embora não seja uma tarefa fácil. Conceituar modernidade e pós-modernidade é algo complicado de ser feito, pois são conceitos fugidios, escapadiços e abstratos, mesmo que seus efeitos se façam sentir de forma concreta.

Para Hall (2005), por exemplo, pós-modernidade seria: “[...] *um processo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.*” (HALL, 2005, p.07).

Já Bauman (2001) vai trabalhar com a ideia de uma modernidade de contornos rígidos, portanto sólidos, que vai se modificando a partir das últimas décadas do século XX, originando a modernidade líquida, portanto fluida. Segundo o autor, a modernidade líquida teria emergido “[...] do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual

de escolher e de agir.” (BAUMAN, 2001, p.11)

Nos dois casos é possível apreender que a percepção de modernidade, apesar de trazer a ideia de rompimento com o que é conceitualmente ultrapassado, mantém contornos nítidos e centralizados que passam uma sensação de segurança, mas impõem limites. Já a pós-modernidade – também chamada de modernidade líquida – extrapola o conceito de modernidade ao romper com seus aspectos de centralidade e solidez, passando a ser fluida, líquida e multifacetada.

Assim, a partir 1994, com advento da *internet*, a ideia de público moderno, a que Berman (2006) se refere, ampliou-se ao ponto de abarcar a maior parte dos países do mundo. Desde então, o conceito de público se mistura com o privado e desfaz os limites que os separam. As TDIC tornaram-se possíveis a partir do rompimento com o espaço físico, ainda que o local se mantenha a trazer o público para dentro das casas e levar o privado para o mundo virtual, que é público. Desconstruindo, assim, o conceito do privado que, segundo DUBY (1989), se constituiu no século XIX, e que se configurava como:

[...] uma área particular, claramente delimitada, é atribuída a essa parte da existência que todas as línguas denominam privada, uma zona de imunidade oferecida ao recolhimento, onde todos podemos abandonar as armas e as defesas das quais convém nos munir ao ar-
riscar-nos no espaço público; onde relaxamos, onde nos colocamos à vontade, livres da carapaça de ostentação que assegura proteção externa. (DUBY, 1989, p.10).

Sendo assim, atitudes que até então se restringiam ao cotidiano privativo das pessoas, como a escrita de um diário, o compartilhamento de fotos, a partilha de pensamentos, passaram a acontecer através de Redes Sociais espalhadas pela *Web*⁷. Fenômeno que teria provocado a abstração das fronteiras entre o público e o privado. Segundo Hall (2005) o que vem ocorrendo nas últimas décadas é uma fragmentação das identidades promovidas pela velocidade da difusão das informações pela *Internet*. Ou ainda, como afirma Bauman (2005) “*Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.*” (BAUMAN, 2005, p.17)

Diante disso, segundo Sevcenko (2004), se as pessoas que nasceram antes da difusão das TDIC sentem seus efeitos fragmentários a ponto de ser cooptadas por elas, o que dizer sobre aqueles que nasceram em um mundo no qual o virtual já era uma realidade e, que hoje são crianças, adolescentes e jovens inseridos na sociedade, nas escolas e faculdades? Nos dias atuais é importante ter a consciência de que, querendo ou não, a maior parte da população mundial se vê “obrigada” a participar e conviver com as TDIC presentes intrinsecamente na humanidade.

Sendo assim, não há como negar que as TDIC, potencializadas pela ampliação exponencial da velocidade de navegação e pelo crescimento do número de acessos à *Internet*, trouxeram oportunidades e desafios, melhorias e obstáculos, proximidade e distanciamento, mudanças e permanências para a sociedade e seus atores.

Considerações Finais

Como consequência do advento da *Internet*, a sociedade tem protagonizado os efeitos das mudanças na velocidade das comunicações e das informações, ou seja, as pessoas tem vivenciado cada vez mais em seu cotidiano uma aproximação das potencialidades e

⁷ Conteúdo que circula pela internet.

facilidades oferecidas pelas TDIC. Exemplo disso seriam as mudanças na configuração dos relacionamentos, o que leva a recordar o efeito público moderno de Bauman (2005). Dito de outra forma, o que era privado, como fotos, passou a ser público e o público se transformou em comunitário, uma vez que hoje se compartilha de “tudo” através da *Web*.

Como demonstrado nesse artigo, o desenvolvimento tecnológico não parou somente no compartilhamento de textos, imagens e sons. Atualmente, os internautas deixaram de ser meros espectadores de conteúdos postados na *Web*, para se tornarem autores e coautores de conteúdos *on-line*.

Sendo assim, a compreensão das mudanças ocorridas na/e, através da *Internet/Web*, vem se tornando cada vez mais importante a medida que, teoricamente, a Rede Mundial de Computares teria a capacidade de influenciar e alterar o comportamento das pessoas que navegam em seu ambiente virtual. Especialmente sobre aqueles que já nasceram sob a égide da *Internet*.

Vale lembrar que, ao mesmo tempo em que a *internet* expõe seus usuários, ela também os protege e, mais do que isso, ela possibilita o acesso, a apropriação e o compartilhamento de informações públicas e privadas, com ou sem consentimento prévio. Fato pelo qual vem promovendo mudanças comportamentais que, como vislumbrado, vem sendo disseminadas pelos atores presentes na sociedade como um todo. Assim, diante do exposto, acredita-se que é inconcebível pensar em relações sociais, em pleno século XXI, sem se considerar as mudanças comportamentais provocadas pelas TDIC.

Apesar de atualmente, muito já se tenha avançado nas pesquisas sobre o uso e a influência das TDIC, a pesquisa histórica sobre o assunto ainda é um campo relativamente novo e repleto de possibilidades e desafios. Não obstante a isso, no Brasil já existem grupos de pesquisa que se empenham em investigar esta área. Em Minas Gerais especificamente, encontram-se núcleos de estudos distribuídos nas mais diversas instituições, como: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC- Minas), entre outras. Nesses núcleos existem pessoas comprometidas em pesquisar as TDIC – também chamadas por alguns pesquisadores de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ou Tecnologias da Informação (TI) – na expectativa de mapear suas inúmeras possibilidades. Não seria exagero dizer que Minas Gerais vem se tornando um polo para os pesquisadores que se dispõem a estudar e pesquisar as TDIC e suas implicações na sociedade e na educação.

Contudo, por se tratar de um campo relativamente novo, ainda há muito a se pesquisar nesta área, afinal, não se pode desconsiderar a velocidade com que as Tecnologias de Informação e Comunicação - TDIC vêm sendo produzidas e introduzidas na sociedade. Além do mais, no que se refere ao campo da história, pode-se dizer que há um universo de possibilidades esperando para serem exploradas e pesquisadas.

Referências Bibliográficas:

- AIRES, Philippe. DUBY, George. **História da Vida Privada**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras. 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Mediros. Rio de Janeiro. Ed: Jorge Zahar. 2005. 110 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Deintzien. Rio de Janeiro. Ed: Jorge Zahar. 2001. 258 p.
- BERMAN, Marshall. **Tudo Que é Solido Desmancha No Ar**: A Aventura da Modernidade. Trad. Moisés, Carlo Felipe e Ioriatti, Ana Maria L. 2 ed. São Paulo, 2006.
- FIGUEIREDO, Luciano R. **História e Informática**: O Uso do Computador. in: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da história**: Ensaio de Teoria e Metodologia. 2 ed. Rio de Janeiro. 1997. 508p
- GUIZZO, Érico. **Internet**: o que é, o que oferece, como conectar-se. São Paulo – SP. Ed. Ática. 1999. 112p.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro. Ed. DP&A. 2005. 102p.